

D. JOÃO DA CÂMARA

TEATRO COMPLETO

II



MMVI

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

Título: Teatro Completo

Vol. II

Autor: D. João da Câmara

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: Departamento Editorial da INCM

Revisão do texto: Paula Lobo

Tiragem: 800 exemplares

Data de impressão: Abril de 2006

ISBN: 972-27-1467-8

Depósito legal: 235 272/05

D. JOÃO DA CÂMARA

TEATRO COMPLETO

II

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2006

THEATRO DE D. MARIA

de Alexandra Dantas

ALCÁCER QUIBIR

Drama em 5 actos

Representado, pela primeira vez, no Teatro de D. Maria II, em 14 de Março de 1891. Distribuição de actores: El-Rei — *A. Pinheiro*; Cardeal — *Ferreira da Silva*; D. Fua — *Eduardo Brasão*; Conde d'Ossa — *João Rosa*; D. Guido — *E. Magalhães*; Beltrão — *Augusto Rosa*; Gaspar — *Augusto Antunes*; Vasco da Silveira — *C. Posser*; Martim Afonso — *Bayard*; João de Castilho — *J. Ferreira*; Cristóvão de Távora — *C. Rocha*; Pedro — *J. Costa*; Estalajadeiro — *A. Bravo*; Familiar do Santo Officio — *C. O'Sullivan*; Maria — *Virginia*; Antónia — *Rosa Damasceno*; Caterina — *A. Bresd'lind*; Sancha Mocho — *Amélia Viana*; Estalajadeira — *Amélia O'Sullivan*.

THEATRO DE D. MARIA

O ALCACER-KIBIR.

SCENA FINAL MORTE DE D. FURS



Consignando o grande êxito do bello drama de D. João da Camara, faltariamos ao mais agradável dos deveres se aqui não deixassemos archivados alguns perfis dos seus personagens que encontraram uma superior interpretação nos artistas do theatro de D. Maria.

Os homens da semana

D. JOÃO DA CAMARA



Hoje, no theatro de D. Maria, ultima representação do *Alcazer-Kibir*, em honra do auctor. Este ultima, d'um original portuguez, quando o theatro está em crise, tem o quer que seja de fatidico... Lembra o *choras ir-mãos!*... da *Sau-ha Mocha* do mesmo drama. Ora está na mão do publico protestar com a sua presença e com os seus applausos, para ver se não acaba o theatro portuguez.

ALCÁCER QUIBIR

PERSONAGENS:

EL-REI
CARDEAL
D. FUAS
CONDE d'OSSA
D. GUIDO
BELTRÃO
GASPAR
VASCO DA SILVEIRA
MARTIM AFONSO
JOÃO DE CASTILHO
CRISTÓVÃO DE TÁVORA
PEDRO
O ESTALAJADEIRO
Um FAMILIAR DO SANTO OFÍCIO
MARIA
ANTÓNIA
CATERINA
SANCHA MOCHO
A ESTALAJADEIRA
Homens e mulheres do povo, soldados,
familiares do Santo Officio, etc.

Almeirim, 1578.

ACTO I

Um grande largo em Almeirim. No primeiro plano, à esquerda, uma pequena igreja, tendo à frente, mais próximo do

espectador, a torre dos sinos, com a corda pendente. No segundo plano, a estalagem. Rés-do-chão e primeiro andar; na frente, um poço; junto à casa, uma parreira. Sob a parreira, mesas, bancos, etc. Do lado direito, a casa de Gaspar Montóia. Varanda, no primeiro andar. Ao fundo, árvores e valado. Por detrás, o campo vasto. Entre as casas e o valado, caminho praticável.

CENA I

**O ESTALAJADEIRO, a ESTALAJADEIRA, CATERINA, PEDRO,
homens e mulheres do povo**

O ESTALAJADEIRO

Vamos, amigos, vinho!... E Deus há-de apiedar-se.
Rir!, que é de festa o dia!

UMA MULHER

O riso é mau disfarce.
Mais se chora depois.

OUTRA MULHER

O meu querido neto!...
Lá vai também!

PEDRO

(muito alegre)

Vai tudo!

UM HOMEM

O mal será completo.

SEGUNDA MULHER

Ah!, que Deus não destrua África e seus engodos!

OUTRO HOMEM

(com resignação irónica)

Assim será melhor. Se um chora, choram todos.

O ESTALAJADEIRO

Mas chorar para quê? Beber, comer e andar!

(Para um dos homens que está bebendo.)

Que tal o vinho, ó mano?

PRIMEIRO HOMEM

É bom.

O ESTALAJADEIRO

Vai devagar.

SEGUNDO HOMEM

Devagar vai-se ao longe.

(Para Caterina, que está conversando com Pedro.)

Olá, cachopa! Vinho!

CATERINA

Lá vou, lá vou!

(Entra na taberna.)

SEGUNDO HOMEM

Feliz que não vais ser, Pedrinho!
Teu sogro muito rico, a noiva uma beleza!

PRIMEIRO HOMEM

Achaste em Almeirim tesoiros de Veneza!

SEGUNDO HOMEM

Um campino! Um ganhão! Por que arte ou manhas soube
A fortuna prender que noiva assim lhe coube?

PEDRO

Dobra essa língua, mano! Eu fui, bem sei, cabreiro,
Mas ou morro na guerra, ou volto cavaleiro!

A ESTALAJADEIRA

Sonhos! Sonhos!

CATERINA

(entrando)

O vinho!

SEGUNDO HOMEM

(abraçando-a)

E agora, tonta, és minha!
O Pedro dá licença... Um beijo cachopinha!

CENA II

Os mesmos e BELTRÃO

BELTRÃO

(entrando)

Tu, velho, vais beijando as raparigas ternas!
Vês longe... Parabéns! Mal te susténs nas pernas,
A tua boca é negra e cheira a cemitério...
Mas vai beijando, vai!... Serás um noivo sério,
O melhor, quando, longe, em guerras contumazes,
Aos bichos derem bodo os corpos dos rapazes.

PEDRO

(correndo contra Beltrão)

Ave d'agoiro, cala a boca peçonhenta!

A ESTALAJADEIRA

Ladrão!

PRIMEIRA MULHER

Víbora!

SEGUNDA MULHER

(para Pedro)

Atira um jarro d'água benta
À cara do possesso!

PRIMEIRA MULHER

Infame!

A ESTALAJADEIRA

Cão!

PEDRO

Judeu!

BELTRÃO

Cristão-velho, alto lá! Meu bisavô nasceu.
Cedo, um dia hei-de rir para inda mais ralar-vos.

(Para Pedro.)

Tu, Pedro, segue o trilho à recova dos parvos.

PRIMEIRO HOMEM

Falar da guerra assim!

SEGUNDO HOMEM

Da nossa guerra santa!

PRIMEIRA MULHER

Que tanta dor nos custa!

SEGUNDA MULHER

E tanta vida, tanta!

O ESTALAJADEIRO

Onde chegas, Beltrão, ninguém come nem bebe!
Para que é discutir? Nenhum de nós percebe
Se a guerra é boa ou má.

SEGUNDA MULHER

Quantos homens perdidos!
Sem filhos tantos pais! Mulheres sem maridos!

PRIMEIRA MULHER

No campo em vez do trigo hão-de crescer os cardos.

BELTRÃO

Pombinhas sossegai; não faltarão bastardos.

CENA III

Os mesmos, GASPAR e MARIA

MARIA

(entrando)

Meus irmãos, Deus vos salve!

CATERINA

(correndo a abraçá-la)

A nossa linda jóia!

Já tardava... Onde foi?

(Cumprimentando Gaspar.)

Senhor Gaspar Montóia!...

MARIA

Andei pensando em ti...

CATERINA

Sim?... O enxoval?

MARIA

Segredo!

A ESTALAJADEIRA

Pois foi pena não vir vossa mercê mais cedo.

(Apontando para Beltrão.)

Esse homem, quando a vê, retém por seu respeito
A peçonha da fala a requeimar-lhe o peito.

SEGUNDO HOMEM

O que ele aqui nos disse!

SEGUNDA MULHER

A rir-se da virtude!

MARIA

Coitado! Desculpai-o.

(Aproximando-se de Beltrão e tocando-lhe no ombro.)

Adeus, Beltrão.

BELTRÃO

(rudemente, sem olhar para Maria)

Saúde!

(Vai sentar-se nos degraus da igreja, comendo um bocado de pão.)

GASPAR

Mas vós o que sabeis com respeito à toirada?

PEDRO

Dez toiros haverá... Por Deus! Não ser eu nada!...
Ao menos escudeiro! El-Rei se lá me visse!...

A ESTALAJADEIRA

— Cala a boca, meu genro.

CATERINA

E deixa essa tolice.

GASPAR

Entra na festa El-Rei correndo alguns garraios.

PEDRO

Tão negros como a noite e leves como raios!
Bela festa!, mas Deus no-las dará mais belas,
Quando eu voltar da guerra ao som das charamelas!

MARIA

Aqui vêm almoçar e ver passar os bois
D. Guido...

BELTRÃO

Mais um tolo.

MARIA

E o Conde...

BELTRÃO

Então são dois.

O ESTALAJADEIRO

Senhora, mais alguém?

MARIA

D. Fuas e a sobrinha.

O ESTALAJADEIRO

Vou tudo preparar! A grande festa é minha!

MARIA

Até já, Caterina.

CATERINA

Adeus, minha senhora.

O ESTALAJADEIRO

(para Pedro)

Vens connosco também?

PEDRO

Um tolo se não fora.

O ESTALAJADEIRO

(para a Estalajadeira e Caterina)

Eu desço à adega; a vós confio os meus abanos.

AS MULHERES

Adeus!

OS HOMENS

Até depois!

O ESTALAJADEIRO

Até depois, ó manos!

(O Estalajadeiro, a Estalajadeira, Caterina e Pedro entram na estalagem, Maria em casa de Gaspar; os homens e as mulheres saem pelos dois lado da cena.)

CENA IV

BELTRÃO e GASPAR

GASPAR

(parando ao meio da cena, sorrindo)

Em que pensas Beltrão?

BELTRÃO
(como abstracto)

Duas razões procuro:
Por que uns comem pão mole, e eu como-o sempre duro.

GASPAR

Um dia alguém descobre, ao ver esse ódio às gentes,
Que segues outra lei, que sem vergonha mentes.

BELTRÃO

Queres então que eu seja, e nem sequer me queixe,
Imóvel como a pedra e mudo como um peixe!

GASPAR

Erraste o teu caminho.

BELTRÃO

Errei!... Tens graça!

GASPAR

Um dia

Verei no potro infame um perro na agonia.
Ódio, insultos, traições, calúnias escouceias!
N'alma a peçonha tens que um sapo tem nas veias.
Sonhaste uma vingança? E eu? Julgas que a não sonho?
Mas penso no porvir, e o teu será medonho!

BELTRÃO

Eles têm contra nós os seus inquisidores,
Notários, alguazis, meirinhos, promotores,
As prisões, as polés, os potros e a fogueira;
Eu tenho tão-somente a minha raiva arteira.
À luta!... E eu vencerei, virando contra os outros,
Meirinhos, alguazis, prisões, polés e potros!
Sabes lá quanto pode um ódio de marrano!
Dize tua vingança.

Escuta. Vai num ano

Que eu voltei de bem longe. Andei por toda a Espanha,
França, Flandres, Polónia, Itália e Grã-Bretanha.
Por toda a parte vi, na treva ou plena luz,
Jesus contra Moisés, Moisés contra Jesus.
O cristão vence agora; um dia, não sei quando,
Hão-de vê-lo ao vencido as botas escovando.
Por toda a parte vi, nas vielas mais escuras,
Negras tocas iguais a fundas sepulturas.
Vive na sombra a fera, aborto que semelha
A raposa, a toupeira, o mocho, o tigre e a abelha.
Vai minando tenaz, faminto, inquieto, à espreita,
Fechado no covil, à mínima suspeita.
Vai minando, minando... humilde como um cão,
Enquanto o dono é perto e tem o açoite à mão;
Vai minando, minando... o delírio sacode-o,
Tem uivos de chacal, e range os dentes, d'ódio!
Que importa? Vai minando... e se encontrar o inferno...
Há muito já conhece o ardor do fogo eterno.
Já vitória cantou no bátraco profundo,
E bem sabe que um dia há-de arrasar o mundo.
Já viste um gangrenado e como a simples mancha
Se alastra peçonhenta e o corpo lhe desmancha?
Negros furos abrindo em músculos inermes,
Daquela podridão surgem milhões de vermes.
Pois bem, por toda a parte anda a morte veloz,
O mundo é gangrenado e os vermes somos nós.
A mina, não sei quando, há-de explodir medonha,
Enquanto o mundo dorme e o bárbaro mal sonha
Que nesse instante vai surgir ao nosso povo,
Soberbo da vitória, a luz dum dia novo!
Ribeiras correrão dos montes junto às faldas
De pérolas, rubis, safiras, esmeraldas.
Expulsa a terra prenhe o vingador que encerra!
E o judeu, livre enfim, será senhor da terra,
E dessa raça vil, cobarde, infame, idiota,
Que ante o bezerro d'ouro há-de ajoelhar devota!

BELTRÃO

Vem tarde... Não verei... Prefiro outra vingança
Mais minha... muito minha... e só minha. Descansa
Que hás-de vê-la, e talvez... Mas amigo, és tão vário
Nas ideias que tens, que pregas o contrário
Das obras, frei Tomás.

GASPAR

Sigo na vida, é certo,
O caminho que achei mais fácil e mais perto.
Bom é, bem diferente embora. Minha filha...

BELTRÃO
(irónico)

É mais cristã que o Papa e os anjos maravilha!

GASPAR

Que importa?, se fiquei, de muito estudo a troco,
Acreditando... nada em Deus, no diabo... pouco.
É cristã?... Pois melhor!

BELTRÃO

Dizes... melhor!

GASPAR

Sim, digo,
Que o manda o Cardeal, nosso potente amigo.
Quanto era minha esposa afecta à lei mosaica,
Recordas-te, Beltrão. Não tinha a raça hebraica
Em todo Portugal sectária mais ferrenha.
Se vira os velhos pais em cinzas sobre a lenha
À qual o próprio rei lançara o fogo santo!
Corri para a mulher que tanto amava, tanto!
Nesse dia casei-me e logo nesse dia,
Louca de pranto e amor, Raquel gerou Maria.
À força de mentir vivemos sossegados,
Avaros ratinhando um cento de cruzados.